

«Esmagador, edificante e inabalável.»

*The New York Times*

«Um thriller psicológico intenso  
e profundamente humano.»

*Kirkus Reviews*

# ACUSAÇÃO

CAITLIN WAHRER

FINALISTA  
DO EDGAR  
AWARD  
2022

TOP  
SEL  
LER



*Para o Ben*

I

# MONSTROS



Conheci monstros e conheci homens.  
Estive sob as suas longas sombras, amparei-os  
com as minhas próprias mãos, procurei os seus  
rostos inescrutáveis na escuridão. São mais  
difíceis de distinguir do que se possa imaginar.  
Do que alguma vez se possa imaginar.

CLAIRE C. HOLLAND, *CLARICE*

# 1

JULIA HALL, 2019

A casa do inspetor moribundo era uma coisa alta azul-escura com caixilhos e venezianas a lascar. Impunha-se em contraste com o céu brilhante, recuada face aos montículos de neve que delimitavam a rua. Embora a casa tivesse sido polvilhada pela neve trazida pelo vento da noite passada, o número «23» a preto que encimava a porta brilhava. Havia espaço na estreita rampa de acesso à casa, mas ela estacionou na rua.

Julia Hall contorceu-se até conseguir alcançar o bolso do seu grosso casaco de inverno. Enfiou a mão bem lá dentro, até os seus dedos roçarem a folha de papel dobrada. Ao retirar o bilhete, desejou que este indicasse qualquer outra coisa que não o endereço que ela tinha encontrado — algo que lhe permitisse seguir caminho, para talvez nunca dar com a casa. Escrevera «23 Maple Drive, Cape Elizabeth» na folha amarrotada, e ali estava ela.

— Vamos lá — disse em voz alta, lançando um olhar de esguelha para a casa.

Havia janelas de ambos os lados da porta, cada uma delas com as cortinas cerradas e, tanto quanto parecia, sem ninguém por trás. Ao menos ele não a tinha visto a falar sozinha.

Ao sair do SUV, o vento arrancou a porta da mão de Julia. O inverno tinha vindo a revelar-se amargamente frio. Com o passar dos anos, era-lhe cada vez mais difícil apreciar a estação. Puxou o gorro mais para baixo, tapando as orelhas, e virou-se novamente para o carro. Sem pensar, fechou a porta com toda a força, encolhendo-se mal ouviu o som ecoar pela rua fora. Já não fazia aquilo há anos — pensar que

estava no seu velho *Subaru*, que exigia um toque mais bruto. O carro que conduzia há três anos, na altura em que tivera a oportunidade de conversar com o homem que agora a esperava dentro daquela casa.

Apesar da agitação da noite anterior, o passeio da frente parecia ter sido limpo de neve. Tê-lo-ia ele feito por sua causa? O acesso e os degraus do alpendre estavam cobertos de sal, pelo que, até alcançar a porta, ela se concentrou no som que os seus passos faziam ao esmagá-lo. Sacudiu as mãos e tocou à campainha. A porta abriu-se ainda antes de o retinir ter esmorecido.

— Julia — disse o vulto que surgiu à porta. — Como está, minha querida?

Estava sem dúvida melhor do que ele. O homem diante de si era o inspetor Rice, ou pelo menos o seu invólucro. A sua constituição, outrora imponente, parecia ter mirrado como um caule apodrecido. Tinha o rosto encovado e dois papos enormes por baixo dos olhos. Um boné dos Red Sox enterrado até às orelhas, tapando o que parecia ser um crânio completamente calvo.

— Estou bem, inspetor Rice. Estou bem.

O aperto de mão revelou-se algo embaraçoso, pois ele tinha-se inclinado para a abraçar.

— Bem, não quer entrar?

*Desde que me ligou que não consigo parar de vomitar o pequeno-almoço*, era o que ela queria ter dito. Em vez disso, sorriu e mentiu.

— Sim, claro.

— E, por favor, trate-me por John — disse ele, cambaleando para trás para lhe dar espaço para entrar. Parecia ter envelhecido dez anos nos últimos três, talvez devido ao cancro. Ela, no entanto, não estava a sair-se muito melhor. Durante a maior parte da sua vida, parecera mais nova do que realmente era. Nos últimos anos, deixara de ser assim. Agora, parecia ter exatamente os seus 39 anos.

Enquanto descalçava as botas, observou o vestíbulo da casa do inspetor Rice, ouvindo uma vozinha na sua cabeça vincar como era estranho estar *no vestíbulo do inspetor Rice*. O banco onde se sentou era robusto, prático. Encostados à sua base, alguns pares de botas de trabalho e de sapatos formais. O banco encontrava-se ladeado por um balde de sal, à direita, e uma pá molhada, apoiada na parede. À esquerda via-se

a única característica curiosa: uma pequena estante, carregada de livros de jardinagem. Nunca lhe teria passado pela cabeça que ele se interessasse por jardinagem quando se conheceram, já lá ia tanto tempo. Sugeriu uma ligação à terra que lhe passara ao lado.

— Não sei se consigo — disse ela, erguendo-se. — Acho que para mim será sempre «inspetor Rice».

Ele sorriu-lhe e encolheu os ombros.

Julia seguiu-o por um corredor estreito com as paredes decoradas por fotos de família e objetos religiosos: havia vários retratos de um jovem inspetor Rice e da sua falecida mulher, ou assim assumiu, e de três filhos; um crucifixo e uma palma seca; uma fotografia de, provavelmente, um neto, junto a uma imagem de Jesus.

O inspetor Rice disse algo enquanto a conduzia pelo corredor.

— Como?

Ele virou-se e olhou para ela por cima do ombro.

— Estava só a comentar que tem um carro novo.

— Ah, sim. — Ela apontou com o polegar para trás. — Decidi arranjar um melhor, desde a última vez que estivemos juntos.

Ela observou a alteração na altura dele. Ainda era um homem alto, pensou enquanto o seguia, no entanto, a doença furtara-lhe vários centímetros.

— Achei que talvez nos pudéssemos sentar aqui.

Apontou para a primeira divisão com que se depararam. Tratava-se sem dúvida de uma *sala de estar*: um espaço que Julia encontrava somente nas casas dos mais idosos. Tal como outras que vira, a do inspetor Rice tinha um ar reservado, apesar do seu propósito evidente: receber visitas. A divisão era dominada por duas poltronas reclináveis separadas por uma mesinha.

O inspetor Rice fez-lhe sinal para que se sentasse na cadeira da direita, enquanto ele prosseguiu pelo corredor.

Julia aguardou uns segundos e depois espreitou para o corredor. Outra porta à direita. A cozinha ao fundo. Pôs-se à escuta, mas nada ouviu.

Voltou-se de novo para a sala de estar. *Respira fundo*, pensou, inspiando com força.

Avançou até à janela panorâmica, no lado oposto da sala. Dava para a Maple Drive e para um casarão no passeio em frente. Um frio

inabalável irradiava desde a janela. Julia encostou um dedo tremente ao vidro. Havia poucas coisas tão desoladoras como o mês de fevereiro no Maine.

Os meses de frio eram duros; sempre o haviam sido. A cada ano, Julia enfrentava a realidade do outono e do inverno do Maine, sem que nenhuma das estações alguma vez se equiparasse às versões nostálgicas que habitavam a sua mente. A neve, por norma, começava em dezembro, durando até abril. E depois *daquele* inverno — depois do inverno em que vira pela última vez o inspetor Rice —, os invernos transportavam uma espécie de melancolia existencial que tinha de ser afastada à pazada, como a neve.

— Interminável, não é?

Assustou-se ao ouvir a voz dele atrás de si.

Estava de novo à porta, a sorrir. Segurava duas canecas.

Tinha ido apenas buscar café. Ela deixou o ar sair dos pulmões, provavelmente com um alívio evidente.

Ele voltou a apontar para a cadeira e, desta vez, ela sentou-se. Aceitou uma caneca e observou-o, enquanto ele se instalava no seu lugar. O aroma que lhe chegou não era, na verdade, de café, mas sim de chá. Provou-o e achou-o intensamente adocicado. Foi uma surpresa.

— Como estão os seus filhos? — questionou o inspetor Rice, enquanto bebericava a sua bebida.

— Estão bem, obrigada.

— Que idade têm?

— Um tem 8, e a outra, 10.

— Nunca estamos preparados para vê-los crescer.

Havia algo nele que tornava fácil esquecer que ele próprio tinha filhos. Filhos adultos; netos, a julgar pelas fotos no corredor. Não era a sua personalidade que a levava a esquecê-lo — era a profissão. Havia qualquer coisa no facto de ele ser *inspetor* que a fazia esquecer-se de que ele existia para lá disso.

Julia assentiu e esperou que ele perguntasse por Tony.

— Calculo que tenha ficado surpreendida por ter tido notícias minhas na semana passada.

*Bem, estamos conversados*, pensou ela. Havia algo no modo como ele ignorara o seu marido que lhe parecia um ataque pessoal, em especial

tendo em conta tudo o que acontecera, pelo que Julia deu por si a tentar não fazer má cara.

Tinha efetivamente ficado surpreendida na sexta-feira ao pegar no telemóvel, ao fim de uma longa manhã no tribunal, e deparar-se com uma única mensagem de voz. Era sinal de um dia simples se até ao meio-dia tivesse apenas uma única chamada perdida. Despediu-se do xerife que estava à porta e carregou no *play*, afastando-se do tribunal em passos largos. A voz que crocitara no seu telefone fê-la parar subitamente; era lenta, mas inconfundível. Uma voz que passara a temer. Anos antes, ficava próxima do pânico sempre que o telefone tocava ou o voicemail piscava, receando que a voz dele soasse do outro lado.

— Foi uma surpresa ter notícias suas — disse Julia. — E fiquei também muito triste por saber que está doente. — Inclinou-se um pouco na direção dele, constatando que não o referira desde que tinham falado ao telefone na semana anterior e ele lhe pedira para ela aparecer em sua casa. — Qual é o... prognóstico? — Não havia uma palavra agradável, pelo menos uma que lhe ocorresse.

— Bem, não é dos melhores — respondeu ele num tom que poderia usar para comentar a possibilidade de mais uma chuvada. — O meu médico acha que a minha «qualidade de vida» vai piorar bastante nos próximos meses e, depois disso, as coisas podem ser muito rápidas.

Julia apercebeu-se das aspas em «qualidade de vida» e imaginou o inspetor Rice sentado no consultório do seu médico a dizer: «Qualidade de vida? Foda-se, isso quer dizer alguma coisa?! Diga-me lá quando é que vou morrer!»

Ela sorriu carinhosamente.

— Fico contente por ainda conseguir estar em casa.

— Enfim, veremos.

Bebericaram ambos um pouco de chá.

— Bem — disse ele, rindo-se. Encolheu os ombros. Estaria nervoso? — Agradeço-lhe que tenha vindo. Tal como disse, queria falar consigo antes de, enfim... — Encolheu os ombros para si mesmo.

— Enquanto ainda tem essa «qualidade de vida».

O inspetor Rice riu-se, tossiu com pieira e estendeu o braço para trás da poltrona. Ouviu-se o chiar de uma roda por olear, enquanto ele puxava uma garrafa de oxigénio portátil para o seu lado. Levou



a máscara à cara e respirou, erguendo o dedo para que Julia esperasse uns instantes.

*Céus, é melhor não voltar a fazê-lo rir.*

Rice começou a afastar a máscara da boca.

— Se calhar o melhor é ficar com a máscara — sugeriu Julia. — Não quero mesmo que...

— Não — disse o inspetor Rice num tom firme. — Obrigado, mas não. — Com a máscara devolvida ao seu lugar, na garrafa, o inspetor Rice endireitou-se. O vento assobiou na janela. — Não tinha a certeza de que viesse, depois de tudo o que se passou, mas precisava de falar consigo. Bem, para lhe dizer algumas coisas. E penso que também terá algumas coisas para me dizer. — Julia teve de se esforçar por suster o olhar dele. Os olhos dele eram de um rosado aquoso e os dela não queriam ter nada que ver com eles. — Eu não tinha mesmo a certeza de que viesse — insistiu ele —, mas foi sempre demasiado atenciosa para dizer não a alguém.

A indisposição de Julia intensificou-se. Como era suposto ela reagir àquilo?

Fosse como fosse, ele não estava à espera de resposta, pois voltou a falar.

— Então... Voltamos ao início?

## 2

JOHN RICE, 2015

Quando John Rice viu Julia Hall pela primeira vez, ela estava na cozinha, descalça, a lavar uma pilha de pratos.

Por aquela altura, Rice já estava envolvido na investigação há umas 20 horas. Até esse momento, tinham sido 20 horas de fealdade. Nada mais além do mal que apenas o homem sabe fazer.

Ele tinha visto a vítima no hospital, na noite anterior, um homem ainda jovem chamado Nick Hall. Hesitara em considerá-lo sequer um homem. Nick tinha 20 anos, é certo, mas devia estar ainda na parte final da sua adolescência. Em vez disso, o seu olhar era o de quem tinha despertado naquela manhã apenas para se encontrar ajoelhado num lugar que não reconhecia, arrancado à força da sua inocência.

Rice não pretendia sobrecarregar Nick com um interrogatório naquela primeira noite, na qual já facultara depoimentos a um enfermeiro e a um agente da polícia. Rice pretendia apenas apresentar-se como o inspetor a trabalhar no caso e pedir-lhe que lhe facultasse um depoimento por escrito. Parecia-lhe sempre um pouco insensível pedir às vítimas que escrevessem sobre o assunto, pedir-lhes que revivessem o crime passado tão pouco tempo. No entanto, era pelo bem de todos. Fortalecia o caso de Rice; fortalecia a memória da vítima. Já para não referir que o início do caso era, por norma, a parte mais fácil. Na maioria das vezes, a vítima ainda não se tinha apercebido do que ocorrera exatamente. A mente estava em choque, o corpo, em modo de sobrevivência, praticamente sem espaço para comoções. Fora assim que Nick se apresentara: surpreendido, algo confuso, mas essencialmente alheado. Mais valia reviver já o sucedido.

E assim o fez. Antes de ir a casa deles, Rice recolhera as duas páginas do depoimento de Nick no hospital. Tony, o irmão mais velho, estava presente uma vez mais. Estivera lá também na noite anterior — as suas olheiras eram as de alguém que tinha tentado dormir numa cadeira de hospital. Tony saiu do quarto para entregar o depoimento a Rice. Disse-lhe que Nick estava a dormir. Rice respondeu que voltaria mais tarde.

Rice não teve dificuldade em dar com a casa de Tony Hall. Tratava-se de uma bonita casa nos arredores ondulantes de Orange, bastante modestos em comparação a algumas casas da cidade pelas quais se passava a caminho. A cunhada de Rice também vivia em Orange, mas mais perto do centro. Tal como muitas cidades do sul do Maine, e provavelmente como muitas outras em qualquer outra parte, parecia ser dois lugares completamente diferentes, dependendo de onde se estava. O centro da cidade era onde se agregavam os residentes mais abastados de Orange, fosse em fileiras de casarões idêntico, ladeando ruas sem saída (como no caso da irmã de Rice), fosse na versão do Maine de mansões em miniatura, construídas em lotes de terreno bastante consideráveis (estas eram as dos muito, *muito* abastados). A maior parte de Orange, contudo, era ocupada por terrenos de cultivo. Poucos dos quais em utilização. A morada dos Halls era aí, dois lotes abaixo de uma enorme e velha fazenda, praticamente em ruínas e tomada por gansos, com um celeiro que parecia estar a ser ocupado pela terra. Por comparação, a casa dos Halls era pequena, antiga, mas bem conservada e encantadora; pelo menos, pelo que ele conseguia ver da estrada. Estando a rampa de acesso ocupada, teve de estacionar na rua.

Rice subiu os degraus do alpendre e ouviu vozes, que se sobrepuñam à campainha. Então, a pesada porta abriu-se e Rice deu de caras com uma mulher de ar ativo e cabelo grisalho. Aparentava ter a idade de Rice, quase nos 60, talvez.

— Sim? — cumprimentou-o ela.

Rice apresentou-se e ela anuiu sobriamente e com prontidão, explicando que o filho, Tony, ainda se encontrava no hospital com o irmão.

— Não sou mãe do Nick — disse ela. — Apenas do Tony.

— Eu sei — disse Rice. — O Tony explicou-mo esta manhã. Vim direto do hospital. Na verdade, vim falar com a Julia, se ela estiver disponível.

Três passos dentro da casa e Rice pôde imediatamente verificar que esta mantinha determinados sinais de riqueza que não faziam parte das vidas de muitas das outras famílias com quem se cruzava no seu emprego. A madeira do soalho reluzia até tocar na tijoleira da cozinha, perfeitamente enquadrada pela sanca do *hall*, pintada num tom muito escuro. O espaço evocava imediatamente segurança e uma impressão de que se tratava de uma família profundamente *funcional*. Enquanto formava este pensamento, Rice sentiu as orelhas a arder. Depressa percebeu que fizera determinadas assunções em relação a como seria a família Hall com base em escassa informação. Viverem no campo, irmãos de mães diferentes. A total ausência dos pais de Nick no hospital num momento como aquele. A consequência do «treino de sensibilidade» obrigatório que a esquadra facultara na primavera não era o desaparecimento dos seus preconceitos — servia apenas para reparar neles com mais frequência, sentindo-se, com isso, um perfeito imbecil.

Um corredor curto dava acesso à cozinha, onde se encontrava uma jovem mulher encostada à bancada. O sol outonal jorrava por uma janela mesmo à sua frente, fazendo a sua blusa branca resplandecer e iluminando-lhe o cabelo, simplesmente castanho, mas que, à luz, parecia conter fios amarelos e rubros. Tirando a expressão carregada e o facto de estar a lavar louça, tinha algo de quase etéreo.

— Desculpe — disse ela. — Desculpe, estou só... — Fechou a torneira e pousou uma tampa em vidro de uma caçarola no escorredor atulhado. — Pronto. Ouvi-o chegar, mas tinha *mesmo* de acabar isto.

Pegou num pano da louça pousado sobre o fogão e limpou rapidamente as mãos antes de estender uma ao inspetor. A mão dela estava húmida e morna. Apresentou-se:

— Sou a Julia.

— John Rice — respondeu ele. — Inspetor do Departamento de Polícia de Salisbury.

Ouviu-se um baque abafado no andar de cima, como pés a baterem no chão.

— É melhor eu acabar de lavar a louça ou subir? — questionou a mãe de Tony desde o corredor.

— Sim, se pudesse distraí-los enquanto nós conversamos — disse Julia.

— Trato já disso.

— Obrigada, Cynthia — agradeceu Julia, enquanto a sogra subia as escadas. — Os miúdos estão contentes por terem cá a avó — comentou, apontando para o teto. — Não percebem bem o que se passa.

Julia parecia jovem, pelo que Rice suspeitou que as crianças também o seriam.

— Que idade têm?

— A Chloe tem 7 anos, e o Sebastian, 5. Dissemos-lhes que o tio está doente e que o pai vai estar ocupado a tratar dele, mas... — Encolheu os ombros. Ao falar dos filhos, Julia pareceu ficar desorientada. — São demasiado novos para compreenderem o que se passa. Acho que é melhor assim.

— Sem dúvida — concordou Rice.



— Em que posso ajudar? — perguntou Julia, oferecendo-lhe uma caneca de café no alpendre, na frescura do ar matinal.

Rice tinha sugerido que conversassem fora de casa, onde as crianças não os ouvissem, e Julia concordara. Instalaram-se lado a lado, nos cadeirões de madeira acolchoados com almofadas de temas náuticos. Rice pousou a caneca sobre uma pequena mesa que os separava. O aroma do seu café fumegante misturou-se com o da vela de citronela pousada na mesa. Ácido sobre ácido.

— Bem — começou ele —, o Nick estava a dormir quando lá fui esta manhã, e o seu marido parecia nem sequer ter fechado os olhos durante a noite. Achei por bem dar-lhes mais umas horitas de descanso antes de voltar a incomodá-los. O Tony disse-me que a Julia me poderia pôr a par do historial da família.

A expressão dela revelou todo o seu alívio.

— Oh, *disso* posso eu tratar.

Rice retirou um pequeno bloco e uma caneta do seu corta-vento. Teria de lhe arrancar tudo o que ela sabia sobre Nick, mas, primeiro, iria pô-la à vontade.

— Quer que comece por algum ponto em particular? — questionou Julia.

Ele abanou a cabeça. Sentiu-se grato pela desculpa para poder fitá-la enquanto ela falava. Depois de conhecer Tony, que era inegavelmente atraente, Rice contara com uma mulher igualmente espantosa. E Julia Hall era bonita, sem dúvida, mas havia nela uma simplicidade difícil de descrever, agora que já não era iluminada pela luz matinal. O seu rosto era arredondado e sem nada que o destacasse; ao falar, as suas feições eram idênticas independentemente do ângulo, o que lhe conferia uma aura de sinceridade pura — era alguém incapaz de esconder o que fosse. Também a fazia parecer mais jovem do que provavelmente era. Rice teria apostado que ela rondaria os 30 anos, não fossem as rugas finas que já ostentava: pés de galinha nos cantos dos olhos e rugas nos cantos da boca. Aquela mulher era dada a sorrir e a rir.

— Ora bem, os pais do Tony são a Cynthia — Julia apontou para a casa, indicando a mulher no interior — e o Ron. Tinham casado há pouco quando nasceu o Tony. O Ron é... — fez uma pausa. — O Ron teve uma infância muito complicada e não era o pai mais equilibrado. Estiveram juntos até o Tony fazer 7 anos. — Escolhia as palavras como um político, talvez um advogado. Nenhuma das profissões lhe assentava. — O Ron não era nada do tipo abusivo. Ou talvez, bem... — Voltou a parar.

Rice ergueu a caneta ao nível dos olhos.

— E se eu pousar isto por um minuto para a Julia não se preocupar tanto com a história do Ron?

Julia riu-se e levou uma mão à cara, como se quisesse esconder-se.

— Basta perceber um pouco qual é a dinâmica familiar. — Ele nem sempre fazia questão de inquirir sobre a família da vítima, mas de vez em quando fazia sentido. Especialmente num caso como aquele, em que a vida da vítima seria virada do avesso pela defesa, em busca de matéria condenável.

— Eu entendo — disse Julia. — Já lidei com praticamente todas as dinâmicas familiares possíveis.

— Trabalha em quê?

— Agora, na área social, mas era advogada de defesa... apenas casos juvenis e criminais.

Rice mexeu-se para assentar a perna direita sobre a esquerda.

— Então, compreende *mesmo*.

Ela assentiu com a cabeça.

— E, sinceramente, o Ron tem tudo para se encaixar perfeitamente no perfil do tipo comum, sabe? É alcoólico, desde que o Tony nasceu, e depois de se ter separado da Cynthia foi-lhe mais fácil desaparecer do mapa, essencialmente. A Cynthia é tão bondosa e carinhosa. Nisso, o Tony teve muita sorte. Já o Nick não teve tanta sorte com a mãe.

— Então, vamos ao lado do Nick.

— Certo — disse ela. — Então, o Ron é pai de ambos. O Tony tinha 17 anos quando o Nick nasceu, pelo que teria uns 15 ou 16 quando o Ron e a Jeannie se juntaram.

— Como é que a Jeannie entrou na família?

— Também é toxicodependente, e às vezes fica um pouco... — Julia acenou com a mão por cima da cabeça. A palavra *maníaca* surge na mente de Rice.

— Eles sabem o que se passou?

Julia disse que não com a cabeça.

— Nem sequer sabem que ele lá está. Ele não quer que saibam.

A voz dela esmoreceu, e Julia encolheu os ombros. A sua expressão resvalou para aquele cenho carregado que Rice notava invariavelmente nas pessoas que tentavam conter as lágrimas à sua frente.

— Ele vai ficar bem, Julia. Há de levar o seu tempo, mas o Nick vai ficar bem. — Retirou do bolso um pacote de lenços de papel.

— O Nick é simplesmente espetacular — disse ela, aceitando um lenço. — O Tony adora-o. Sinceramente, ele fez do Tony o homem que ele é hoje. Nem imagino no que ele se poderia ter tornado se não tivesse aquele bebezinho.

— Como assim?

— A Cynthia diz que ele acalmou depois de o Nick ter nascido. Quando era adolescente, era do tipo machão, sentia-se *muito* zangado com o Ron e provavelmente com o mundo. E já viu o aspeto dele, tudo nele grita *giraço e parvalhão*.

Rice riu e concordou. Tony Hall não só estava em boa forma, como tinha ar de modelo. O tipo de rosto que podia levar uma pessoa a não gostar dele, simplesmente por ser um rosto com tudo o que o dessa pessoa não tem. Rice pensou no que teria achado Julia de si quando tinha a idade do marido. Rice tinha algumas marcas de acne que perduravam

até hoje, mas, quando era mais novo, as marcas davam-lhe um ar mais duro. Pelo menos, assim lho disse a mulher.

— O Nick derreteu-lhe o coração — disse Julia, levando o lenço aos olhos. — O Tony tornou-se uma pessoa carinhosa e sensível, um bom comunicador, o que é provavelmente um cliché quando nos referimos ao nosso marido. — Riu-se. — Seja como for, sei que sou uma sortuda. Sei que tenho de agradecer em parte à Cynthia, mas acho que, essencialmente, se deveu ao Nick. É possível que o inspetor nunca venha a conhecer o verdadeiro Nick. É um homem divertido, mesmo divertido, e encantador, e simplesmente... oh, sei lá, genuíno. Mas agora, não sei.

Atrás dele, dentro de casa, Rice ouviu as crianças a descerem as escadas aos saltos. Segundos mais tarde, ouviu a mãe de Tony a descer atrás delas. O ruído esmoreceu ao passar do *hall* para a cozinha.

A mão de Rice devolveu os lenços ao bolso e reapareceu com um pequeno gravador prateado.

— Sei que é complicado — disse ele —, mas tenho de lhe fazer algumas perguntas relativas a ontem.

— Está bem — suspirou Julia. — Já passava da hora de jantar quando o Nick nos telefonou.



### 3

TONY HALL, 2015

Aquele entardecer de sábado fora igual a tantos outros. Tony e Julia tinham ficado sentados no alpendre a apreciar o céu, que ganhava tons rosados. Os vizinhos haviam espalhado um manto dourado de feno sobre o campo do outro lado da rua, e a vista desde o alpendre parecia uma pintura a óleo. Foi então que o telefone tocou.

Enquanto permanecia sentado na sala de espera do hospital, Tony tentou recordar as palavras exatas da pessoa que ligou. Ela tinha dito como se chamava, Dra. Lamba, talvez. Estava a telefonar do Centro Médico do Condado de York.

Naquele momento, o seu primeiro pensamento incidiu no pai. *Foi desta que ele se matou a conduzir bêbedo*, pensou Tony. *Por favor, por favor, diga-me que ele não feriu ninguém*. Mas a médica não estava a ligar por causa de Ron. Ligava por causa de Nick.

«O seu irmão está ferido», dissera ela. Não se revelou mais específica do que isso.

Tony perguntara-lhe se se tratara de um acidente rodoviário.

«Não», respondera ela. «Pode vir vê-lo agora ao hospital?»

Tony foi para junto dele o mais depressa possível — saiu apressadamente de casa, acelerou autoestrada fora, atravessou o parque de estacionamento a correr, acabando por ser barrado no átrio. A energia que antes o percorrera permanecia encurralada dentro de si, vibrando e vibrando.

Pegou no telemóvel, que estava no bolso. Enviou uma mensagem de texto a Julia:

Quando chegas?

Ela estava em casa com os filhos, à espera da mãe dele. Iria sentir-se melhor quando ela chegasse, disse a si mesmo. Ou assim que o deixassem entrar para ver Nick. Mas seria realmente assim?

«O seu irmão está ferido.» Estas estranhas palavras davam voltas e voltas na sua mente enquanto seguia a grande velocidade para o hospital. Vago, mas grave. A médica nada lhe adiantara, além de não se ter tratado de um acidente de automóvel. Então, o que poderia ter sido? Coma alcoólico? Uma luta num bar? Nada disso lhe soava a algo que Nick fizesse, mas na universidade as coisas podiam tornar-se um pouco loucas. *Oh, céus, que não tenha sido um tiroteio na escola.* Teria ouvido alguma coisa na rádio durante a viagem. Ainda assim, ali, na sala de espera, pegou no telemóvel e abriu o motor de busca. «Universidade do Maine Salisbury notícias». Nada. «Salisbury Maine notícias.» Nada.

O que mais dissera a médica ao telefone? Algo relacionado com a idade de Nick. Perguntara-lhe qual a idade dele. Quando lhe respondeu que Nick tinha 20 anos, ela referiu qualquer coisa acerca de uma identificação falsa, pelo que queria confirmar. Disse que Nick não queria que ligassem aos pais, coisa que ela não faria. Ele queria apenas falar com Tony.

— Sr. Hall?

Uma mulher de bata branca e já com uma certa idade encontrava-se junto à porta. Tony saltou da cadeira e cumprimentou-a com um aperto de mão. Com uma voz grave e confiante, a mulher disse ser a Dra. Lamba que lhe tinha telefonado. Ele sentiu-se aliviado por não detetar uma mensagem de condolências nos bondosos olhos castanho-escuros que via à sua frente. Talvez Nick estivesse bem.

Tony acompanhou a Dra. Lamba por um corredor comprido enquanto esta explicava que Nick tinha aparecido no hospital ao final da manhã.

— E, tal como lhe disse ao telefone, ele não quis que telefonássemos a mais ninguém. Só a si.

Enquanto ela falava, Tony deu por si a olhar fixamente para o elástico que prendia o seu cabelo grisalho. Era preto e aveludado, assentando

sobre a nuca. Abeiravam-se de um novo conjunto de portas. Por cima lia-se UNIDADE DE PSIQUIATRIA.

— Mas... — O olhar de Tony prendeu-se nas letras, ao passarem sob a placa. — O Nick está aqui?

Para lá das portas duplas havia uma pequena sala rodeada por vidro e tela de arame, com uma porta pesada que dava acesso à unidade. A Dra. Lamba fez sinal para que se sentassem em duas pequenas cadeiras pretas, no lado direito da sala.

Depois, a médica pousou a mão no antebraço de Tony e disse:

— O seu irmão foi vítima de agressão sexual na noite passada. — Tony ficou especado a olhar para ela. — Quem quer lhe tenha feito isto espancou-o violentamente, pelo que queria prepará-lo para isso. Nós...

— Espere. Pare. Pare.

A Dra. Lamba calou-se.

Tony abanou a cabeça.

— Não. Não, ninguém lhe faria isso, isso não... isso não faz sentido. — Ao ouvir as palavras que proferira, uma voz estranhamente distanciada na sua mente sussurrou: *Não, tu é que não estás a fazer sentido.*

— Lamento imenso, Sr. Hall — disse a Dra. Lamba.

Ele enterrou o rosto nas mãos.

— Por favor, não...

Tony sentiu a mão dela no seu ombro.

— O serviço de urgência tratou dos ferimentos do seu irmão, e a boa notícia é que ele já podia ir para casa, se quisesse. A outra boa notícia é que acatou o meu conselho e pediu para ficar internado na nossa unidade de saúde mental, de modo a poder passar aqui algumas noites.

Por entre as suas mãos, Tony disse:

— Pode parar de dizer «boas notícias»?

— Sim. — A mão massajou-lhe o ombro em círculos.

*Alguém lhe fez isto.* A simplicidade da questão atingiu-o com força. Tony ergueu o rosto.

— Onde é que está o filho da puta que lhe fez isto?

— O Nick já falou com um polícia. — A Dra. Lamba encarou-o novamente, dizendo: — Neste momento concentre-se no seu irmão, por favor. Ele precisa de si. Não se foque nessa outra pessoa, é para isso que temos a polícia. Concentre-se no Nick.



O rosto de Nick estava destruído.

Foi o primeiro pensamento de Tony quando o viu. Nick estava deitado por cima da roupa de cama do hospital, como se estivesse a ver televisão num hotel. Mas o seu rosto estava todo errado — as formas não faziam sentido: tinha o lábio rachado e inchado, uma sobranceira com um golpe. Tinha hematomas na bochecha, na testa, no queixo, como se tivesse caído por um lanço de escadas.

— Nick?

Nick sorriu para Tony e a seguir encolheu-se e passou com a língua pela ferida no lábio. A voz de Tony soou chorosa.

— Mas que merda foi esta?

— Eu estou bem — disse Nick, com um sorriso reconfortante.

Tony apontou para o peito de Nick.

— Posso?

Nick abriu os braços.

Conforme se baixava para abraçar Nick, a visão de Tony turvou-se com as lágrimas. Abraçou Nick com vontade, encostando a sua cabeça à do irmão. Quando se afastou, havia lágrimas na bochecha de Nick. Pertenciam a Tony — os olhos de Nick estavam secos.

— Desculpa — disse Tony.

— Porquê?

*Por estar a chorar por tua causa, pensou ele. Por me estar a comportar de maneira estranha quando me dizes que estás bem. Por ter levado tanto tempo a regressar ao teu quarto. Pelo que aconteceu.*

Em vez disso, Tony nada disse. Voltou-se para puxar uma cadeira para junto da cama e viu que a Dra. Lamba fechara a porta. Estavam sozinhos.

Tony começou:

— Então... — mas perdeu-se no meio de uma torrente de pensamentos. Será que deveria perguntar o que se tinha passado, mas que palavras usar, queria mesmo saber, estava a ser egoísta, *como é* que uma coisa destas aconteceu, seria uma pergunta errada?

— Onde está a Julia? — A pergunta simples de Nick empurrou todas as outras para o canto.

— Em casa, com os miúdos. A minha mãe está a caminho de lá. Ela depois vem logo para cá.

— A Julia vem cá esta noite?

— Sim, se quiseres... mas só se quiseres.

— Sim, claro. Aliás estive quase para pedir que viesse ela em vez de ti.

Tony revirou os olhos.

— Ah, está bem, *tudo bem*.

— Ela não teria chorado — disse Nick com um sorriso de gozo, o que o levou outra vez a contrair-se de dor. Levou um dedo ao ferimento no lábio e suspirou: — Merda.

Tony observou o seu maninho. Não o deviam ter compreendido bem, no hospital. A pessoa que estava à sua frente não era uma vítima de *agressão sexual*. Nitidamente, alguém lhe tinha dado uma sova. Talvez se tivesse feito ao tipo errado, e o filho da puta, homofóbico, o tivesse espancado, isso era possível. Ou talvez tivesse sido assaltado. Mas não aquilo — não aquilo que a médica dissera. A sua boa-disposição parecia imperturbável. Poderiam muito bem estar a discutir por causa de um jogo, como quando Nick era criança e Tony fingia que perdia com ele às damas. E Nick estava calmo — *tão* calmo. O mais certo é ter contado a alguém que foi agredido e interpretaram-no mal. Só podia ser isso. Nick parecia...

O som de alguém a bater à porta interrompeu-lhe o pensamento. Uma voz profunda disse:

— Desculpem incomodar.

Vinha do homem enorme parado à entrada. Usava roupa à civil, mas, em vez da camisa branca, sem gravata, mais valia trazer uma t-shirt onde se lesse «Sou da bófia» por baixo do corta-vento.

— Sou o inspetor Rice — apresentou-se, ao entrar no quarto. — Pertença à Polícia de Salisbury. Penso que o agente Merlo terá avisado que eu iria passar por cá?

Nick reajustou a posição para ficar mais direito na cama.

— Sim. Olá.

Tony sentiu a tensão daquele silêncio a apoderar-se do quarto.

Ao inspetor Rice tinham bastado dois passos para chegar ao outro lado da cama. Teria de medir perto de dois metros, se calhar até mais do

que isso. O seu rosto enrugado revelava bem as marcas do tempo; Tony calculou que tivesse 60 e poucos anos. O gigante sacou de dois cartões de visita e entregou um a cada irmão.

O inspetor apertou a mão de Nick como se este se fosse alistar na polícia.

— Bem, é um prazer conhecê-lo, Nick. — Virou-se para Tony. — É o irmão?

— Sou. — Este levantou-se para o cumprimentar. — Tony.

— Prazer em conhecê-lo. — O inspetor voltou a cabeça de novo na direção de Nick. — Não vou demorar. Quero apenas deixar estes formulários para vítimas.

— O que é isso? — Tony estendeu o braço na direção do irmão para pegar nas folhas. Eram formulários com campos onde deviam ser preenchidos o nome, data de nascimento, data do crime, etc.

O inspetor apontou para as folhas.

— O Nick deu um depoimento ao agente Merlo e já viu uma enfermeira examinadora, portanto...

— Uma enfermeira sã<sup>1</sup>?

— Desculpe — disse o inspetor Rice, tossindo. — Uma enfermeira examinadora de abuso sexual, no serviço de urgência.

Tony olhou de relance para Nick. Este olhava para baixo, torcendo as mãos nos lençóis.

— Ah, certo — disse Tony, sentindo-se idiota.

— Regra geral, a enfermeira examinadora recolhe um excelente depoimento, pelo que vou deixá-lo descansar. Mas tenho de voltar amanhã. Pode ser, Nick?

— Pode ser — aquiesceu Nick.

— Tem de regressar porquê? — Tony folheou os impressos; eram todos iguais.

— Para o interrogar. Neste tipo de caso, é importante que eu obtenha um depoimento metuculoso e consistente tão imediatamente após o episódio quanto o possível. Quanto mais cedo falar sobre o que se passou, Nick, melhor o irá recordar mais tarde, e melhor me irá ajudar

---

<sup>1</sup> No original, *sane* (acrónimo para *sexual assault nurse examiner*), que, em português, pode ser traduzido como «sã». [N. T.]

no meu trabalho. Esta noite, preciso que preencha um depoimento com tudo o que recorda, começando pelo início do seu dia de sexta-feira. Foi sexta-feira, ontem, certo?

— Que aconteceu? — questionou Nick.

— Sim.

— Sim, foi na noite passada, bem tarde. Então, descrevo todo o meu dia?

— Bem, não tem de ir ao pormenor relativamente ao que aconteceu antes do jantar, diria eu. Amanhã posso pedir-lhe mais pormenores, caso seja necessário. Venho recolhê-lo — apontou para os papéis — amanhã de manhã e leio-o antes de conversarmos. Acha que consegue pôr isso no papel esta noite?

Tony baixou novamente o olhar sobre o irmão. Pela primeira vez desde que chegara, Nick parecia estar prestes a chorar.

— Sim.

— Muito bem, miúdo. Tony, será que pode acompanhar-me até ao corredor para confirmar alguns contactos? — Tony anuiu. — Até amanhã, Nick.

Tony e o inspetor saíram para o átrio da unidade. Tony fechou a porta ao sair.

— O tal depoimento escrito é mesmo necessário, inspetor? Não me parece que...

— Ouça — interrompeu o inspetor Rice —, compreendo que seja um momento complicado, a sério que sim, mas garanto-lhe que não peço a vítimas de violação nada que não seja absolutamente necessário.

Tony encolheu-se ao ouvir «vítimas de violação». Era cortante ouvir essas palavras em vez do nome de Nick. Era como se o inspetor o quisesse magoar de propósito para o fazer recuar.

— Estamos a construir um caso — frisou o inspetor Rice. — Não se pode esquecer disso. No melhor cenário possível, apanhamos o tipo que fez isto, mas apanhá-lo não significa nada se não tivermos provas para o acusar. A história do Nick faz parte das provas.

— Posso... — A voz de Tony soçobrou; estava na iminência de chorar diante daquele homem. Arregalou os olhos para que as lágrimas não jorrassem pelas pálpebras. Respirou fundo e voltou a tentar. — Posso ajudá-lo a preencher o depoimento?

— É melhor se for ele a escrevê-lo. Na maior parte das vezes, casos como este correm a favor de quem apresenta a história mais credível. Não nos está a fazer nenhum favor se escrever o depoimento por ele. Mas pode estar presente enquanto ele o faz.

Tony respondeu às perguntas do inspetor sobre nomes, números de telefone e moradas da família Hall, mas durante todo esse tempo não lhe saía da cabeça a expressão «vítima de violação», «vítima de violação», «vítima de violação».

O inspetor foi-se embora e Tony regressou ao quarto. Nick franziu-lhe o sobrolho.

— Porque é que fechaste a porta?

A sombra quente e húmida de uma dor de cabeça trepou-lhe pelas têmporas, espalhando-se pelo crânio e pescoço.

— Porque sim.

— Porquê? — Nick disparou a palavra tão depressa que se tornou evidente que não escutara a resposta de Tony.

— Nick... — Calou-se. Não havia palavras. — Desculpa, não quero tratar-te como uma criança, só queria perguntar-lhe se tinhas mesmo de preencher hoje à noite os formulários.

— Bem, mas *trataste-me* como uma criança. Não passam de palavras escritas num papel, e eu disse que o faria.

— Credo, Nick, é assim tão mau que eu hoje te trate como uma criança? — A voz de Tony quase ascendeu a um grito. Os irmãos ficaram a olhar um para o outro. — O que foi? É suposto eu fazer de conta que está tudo bem?

— Eu *estou* bem — venceu Nick.

Tony abanou a cabeça. Baixou o olhar para as folhas que segurava. Olhou para as palavras «Declaração de Impacto da Vítima».

Nick fitou-o. Nada disse.

— Não sei como te hei de perguntar o que aconteceu.



**«Agarrou-me desde a primeira página.  
Coloque este livro no topo da sua lista de leitura.»**

**Stephen King**

NICK saiu à noite com uma amiga e conheceu um homem chamado Josh, com quem bebeu uns copos. Depois disso, não se lembra de mais nada. Ao acordar, encontra-se perdido num mundo de confusão e dor, e o homem que conheceu não nega que se envolveram — mas afirma ter sido consensual.

TONY sempre protegeu o irmão mais novo, fazendo tudo ao seu alcance para que nada de mal lhe acontecesse. Assim, quando Nick é violentamente ferido, tudo levando a crer que foi vítima de agressão sexual, a fúria de Tony torna-se incontrolável.

JULIA, a mulher de Tony, está assustada com a obsessão do marido relativamente ao caso de Nick. Tony nunca soube esconder o seu temperamento volátil, mas saberá ela do que ele é realmente capaz?

Três pessoas comuns unidas por um acontecimento trágico, capaz de destruir vidas. E quando a polícia começa a investigar o caso, esta família em crise poderá ver-se obrigada a fazer o impensável...

**«Um thriller psicológico tenso e surpreendente, mas sempre sensível aos efeitos físicos e mentais da violência.**

**Uma estreia notável, de um realismo impressionante.»**

***The Sunday Times***



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Thriller

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros

ISBN 9789895649723



9 789895 649723 >